

E perguntava-lhe: Qual o teu nome? Ele lhe diz: Legião [é] meu nome, porque somos muitos.

Marcos
5:9

Legião do mal

O Mestre legou inolvidável lição aos discípulos nesta passagem dos Evangelhos.

Dispensador do bem e da paz, aproxima-se Jesus do Espírito perverso que o recebe em desesperação.

O Cristo não se impacienta e indaga carinhosamente de seu nome, respondendo-lhe o interpelado: “Chamo-

me Legião, porque somos muitos”.

Os aprendizes que o seguiam não souberam interpretar a cena, em toda a sua expressão simbólica.

E até hoje pergunta-se pelo conteúdo da ocorrência com justificável estranheza.

É que o Senhor desejava transmitir imortal ensinamento aos companheiros de tarefa redentora.

À frente do Espírito delinquente e perturbado, Ele era apenas um; o interlocutor, entretanto, denominava-se “Legião”, representava maioria esmagadora, personificava a massa vastíssima das

intenções inferiores e criminosas. Revelava o Mestre que, por indeterminado tempo, o bem estaria em proporção diminuta comparado ao mal em aludes arrasadores.

Se te encontras, pois, a serviço do Cristo na Terra, não te esqueças de perseverar no bem, dentro de todas as horas da vida, convicto de que o mal se faz sentir em derredor, à maneira de legião ameaçadora, exigindo funda serenidade e grande confiança no Cristo, com trabalho e vigilância, até a vitória final.

(*Caminho, verdade e vida*. FEB Editora.

Cap. 143)

Legião²⁰

Consciências oneradas em culpas e desacertos de numerosas reencarnações, será justo ponderar a resposta do Espírito conturbado e infeliz à pergunta do Mestre.

“Legião é o meu nome — disse ele —, porque somos muitos.”

Iniludivelmente, ainda hoje, em nos aproximando do Senhor, reconhecemo-nos, não apenas afinados com vários grupos de companheiros tão devedores quanto nós, mas igualmente em lamentável dispersão íntima, qual se encerrássemos um feixe de personalidades contraditórias entre si.

Ao contato das lições de Jesus é que, habitualmente, nos vemos versáteis e contraproducentes, qual ainda somos... Acreditamos na força da verdade, experimentando sérios obstáculos para largar a mentira; ensinamos beneficência, vinculados a profundo egoísmo; destacamos os méritos do sacrifício pela felicidade alheia, agarrados a vantagens pessoais; manejamos brandura, em se tratando de avisos para os outros, e estadeamos cólera imprevista se alguém nos causa prejuízo ligeiro; proclamamos a necessidade do espírito de serviço, reservando ao próximo tarefas desagradáveis;

pelejamos pela paz nos lares vizinhos, fugindo de garantir a tranquilidade na própria casa; queremos que o irmão ignore os golpes do mal que lhe estraçalham a existência e estamos prontos a reclamar contra a alfinetada que nos fira de leve; salientamos o acatamento que se deve aos Desígnios divinos e pompeamos exigências disparatadas, em se apresentando o menor de nossos caprichos.

Sim, de modo geral, somos individualmente, diante de Jesus, a legião dos erros que já cometemos no pretérito e dos erros que cultivamos no presente, dos erros que assimilamos e dos

ertos que aprovamos para nos acomodarmos às situações que nos favoreçam os interesses de superfície.

Busquemos, pois, a luz do Evangelho, mas não nos furtemos à certeza de que será preciso encorajar-nos para deixar de ser a personalidade

multiface, que temos sido, para sermos a individualidade cristificada que devemos ser.

(*Reformador*, set. 1964, p. 198)

■ Texto publicado em *Palavras de vida eterna*. Ed. Comunhão Espírita Cristã. Cap. 167, com alterações.